

O estudo «Identities religiosas em Portugal»: a mediação jornalística

ROGÉRIO SANTOS

Faculdade de Ciências Humanas (UCP)

Introdução

Em abril de 2012, os bispos reuniram em Fátima a sua Assembleia Plenária da Conferência Episcopal Portuguesa. Um dos assuntos tratados foi o estudo do retrato religioso dos portugueses, elaborado pelo Centro de Estudos de Religiões e Culturas da Universidade Católica Portuguesa e divulgado nesse encontro¹. O presente artigo analisa as notícias de imprensa publicadas sobre a apresentação desse estudo, a partir de elementos como género jornalístico, agendamento, interpretação, que fontes falam nas notícias, distinção entre tema principal e subtemas, assinatura do jornalista, inclusão de imagens ou infografias, títulos e dimensão. O artigo, complementarmente, analisa a ligação das notícias sobre o estudo de práticas religiosas com outras veiculadas nas mesmas peças jornalísticas.

¹ Alfredo TEIXEIRA (coord.), *Identities religiosas em Portugal: Representações, valores e práticas. Relatório apresentado na Assembleia Plenária da Conferência Episcopal Portuguesa, Fátima 16 a 19 de abril de 2012*, Lisboa: Universidade Católica Portuguesa (Centro de Estudos e Sondagens de Opinião – Centro de Estudos de Religiões e Culturas), 2012 [policopiado].

A conferência de bispos decorreu entre os dias 16 e 19 de abril de 2012. Foram publicadas quinze notícias durante e no final da assembleia, com especial incidência nos dias a seguir à abertura e fecho da mesma reunião, revelando a tendência para as notícias seguirem o agendamento dos acontecimentos. A divulgação de resultados e a perspetiva de Manuel Morujão, porta-voz da Conferência Episcopal Portuguesa, sobre os mesmos em encontro com a imprensa foram os principais temas publicados.

Os jornais diários mais importantes deram conta do evento e dedicaram bastante espaço, que chegou a duas páginas, caso do jornal *Público*, com algumas chamadas de primeira página, o que indica a relevância do estudo. Por outro lado, coube aos principais jornais nacionais a iniciativa de irem além do mero registo de resultados e de palavras do porta-voz religioso, pelo que contactaram outras fontes, como especialistas e responsáveis de outros credos, num levantamento de alternativas, no que constitui o quadro narrativo dos jornalistas: contar histórias de interesse humano com um contraditório de opiniões.

As perguntas de partida deste trabalho consistiram em: que representação da identidade religiosa nos jornais? Que géneros noticiosos? Quais os tipos de fontes de informação? A metodologia empregue foi a de análise de conteúdo das quinze notícias publicadas, a partir de variáveis já enunciadas acima, e seguindo textos clássicos de análise de conteúdo². A análise de conteúdo é um conjunto de instrumentos metodológicos que se aplicam a discursos diversificados, através do cálculo de frequências de palavras ou ideias baseado na dedução³, a partir de inferência aplicadas a um contexto⁴, no sentido de descrever e interpretar o conteúdo das mensagens, obedecendo às regras de homogeneidade, exaustividade, exclusividade, objetividade e pertinência⁵. Em resumo, a análise de conteúdo consiste no levantamento de qualidades tais como palavras, atributos e cores⁶.

O artigo está dividido em cinco pontos essenciais: leitura das notícias, títulos, géneros jornalísticos e assinatura das peças, imagem e outras notícias.

² Laurence BARDIN, *Análise de conteúdo*, Lisboa : Edições 70, 1979; Klaus KRIPPENDORFF, *Metodología de análisis. Teoría y práctica*, Barcelona e Buenos Aires: Paidós, 1990.

³ L. BARDIN, *Análise de conteúdo*, 9.

⁴ K. KRIPPENDORFF, *Metodología de análisis. Teoría y práctica*, 128.

⁵ L. BARDIN, *Análise de conteúdo*, 34-39.

⁶ K. KRIPPENDORFF, *Metodología de análisis. Teoría y práctica*, 29.

Leitura das notícias

Pelos dados do Quadro 1, verifica-se que apenas um número pequeno de jornais publicou notícias sobre o estudo em dois dias. Um, o *Atlântico Expresso*, noticiou no dia de arranque da conferência, apontando para a divulgação de dados de um estudo (16 de abril de 2012). Nesse dia, a agência Lusa produziu um texto com informações sobre o estudo. O *Página 1*, no mesmo dia, foi o único meio a incluir alguns dados estatísticos específicos, o que significa ser um órgão de informação muito próximo da Igreja e ter acesso privilegiado. O *Página 1* tem formato digital e é de saída diária, pelo que se compreende a atualização. Já os media diários em papel (*Público*, *Diário de Notícias* e *Jornal de Notícias*) destacaram as informações mais pertinentes nos dias 17 e 19 (e 20, casos do *Jornal de Notícias* e *Diário de Notícias*), seguindo a divulgação oficial dos dados e os comentários produzidos pelo porta-voz da Igreja, o que evidencia o agendamento e o seguimento de fontes oficiais por parte dos jornalistas. As chamadas de primeira página foram todas impressas no dia 17 de abril (*Jornal de Notícias*, *Público*, *Açoriano Oriental* e *Metro Lisboa*).

QUADRO I
Número de peças e dias de publicação

Jornal	Número de peças	Dias de publicação de notícias (abril de 2012)
Diário de Notícias	2	17, 19
Jornal de Notícias	2	17, 19, 20
Público	2	17, 19
Sol	1	20
Página 1	2	16, 17
Atlântico Expresso	1	17
Açoriano Oriental	1	16
Metro Lisboa	1	17
Diário de Leiria	1	19
Diário do Minho	1	20

Por agendamento, quer-se significar a importância para os media da existência de ocorrências regulares com data marcada, que lhes permite de forma prevista a alocação de recursos (repórteres no local, tempo e espaço

de noticiário)⁷. Para Traquina⁸, o agendamento consiste na capacidade dos media em influenciar a projeção dos acontecimentos na opinião pública. Por fontes oficiais de informação, entende-se aquelas que têm autoridade e prestígio, capital cultural e recursos de acesso e produção de informação⁹. As fontes oficiais regulares incluem o presidente da República, o Primeiro-Ministro, os ministros, alguns presidentes de empresas e, no caso em análise, o porta-voz da Conferência Episcopal Portuguesa. Além das fontes oficiais, nas notícias analisadas neste artigo dá-se relevo às fontes especializadas (nomeadamente os sociólogos das religiões), que os jornalistas procuram para obter ângulos noticiosos diferentes.

QUADRO 2
Fontes citadas nas notícias

Fontes citadas	Função indicada na notícia	Jornais
Manuel Morujão	Porta-voz da Conferência Episcopal Portuguesa	Atlântico Expresso, Página 1, Diário de Leiria, Jornal de Notícias, Público, Sol
Helena Vilaça	Socióloga, professora da Universidade do Porto	Diário de Notícias, Público
Fernando Soares Loja	Assessor da Aliança Evangélica	Diário de Notícias
Moisés Espírito Santo	Sociólogo das religiões	Jornal de Notícias, Diário de Notícias
Pedro Candeias	Associação Testemunhas de Jeová	Jornal de Notícias
Alfredo Teixeira	Centro de Estudos de Religiões e Culturas	Público
Ricardo Henriques	Serviço Diocesano de Apoio à Comunicação Social	Açoriano Oriental
Steffen Dix	Instituto de Ciências Sociais	Público
Teresa Toldy	Observatório Policredos, da Universidade de Coimbra	Público

Em termos de fontes de informação, divido-as em duas áreas: indiretas e citadas. As fontes indiretas remetem para a entidade que encomendou o estudo (Centro de Estudos de Religiões e Culturas) ou para o organizador do estudo no terreno (CESOP), centros ligados à Universidade Católica, pelo que essas entidades aparecem referidas diversas vezes. As fontes indiretas são a matriz da informação, mas, para os jornalistas, um estudo precisa

⁷ Nelson TRAQUINA, *O poder do jornalismo. Análise e textos da teoria do agendamento*, Coimbra: Minerva Coimbra, 2000; Nelson TRAQUINA, *Jornalismo*, Lisboa: Quimera, 2002.

⁸ N. TRAQUINA, *O poder do jornalismo. Análise e textos da teoria do agendamento*, 14.

⁹ Rogério SANTOS, *A fonte não quis revelar. Um estudo sobre a produção das notícias*, Porto: Campo das Letras, 2006.

de estar identificado pessoalmente. Como se trata de uma investigação técnica, o jornalista procura alguém (porta-voz, especialista) para tornar essa investigação mais humanizada e próxima do leitor. Os números e as estatísticas formuladas no inquérito têm de ser interpretadas. Como o jornalista é alguém que passa informação, um decodificador, ele precisa de uma voz reconhecida socialmente para confirmar e identificar-se com os dados estatísticos. No caso das fontes citadas diretamente (Quadro 2), o bispo Manuel Morujão aparece muito destacado, pela sua posição de porta-voz da Igreja. Ele é a fonte por excelência dos jornalistas. Tem reputação, presença e força simbólica, no sentido dado por Bourdieu¹⁰, fala diretamente aos jornalistas, graças ao seu contacto regular com os produtores de informação, dá um sentido humano ao estudo. O jornalista privilegia a fonte regular e com capital simbólico construído numa relação regular¹¹. Nessa relação, há frequentemente espaço para negociação, onde são regulados os interesses diferentes de fonte de informação e de jornalista.

Se todos os jornais revelam dados expressivos, foram os jornais diários de nível nacional que, além de citarem Manuel Morujão, procuraram obter comentários de especialistas e crentes de outros credos para além dos católicos: sociólogos de religiões (Helena Vilaça, Moisés Espírito Santo), investigadores em centros ligados a universidades e praticantes de outros credos além do católico, na perspetiva jornalística do contraditório. O investigador principal do estudo (Alfredo Teixeira) é mencionado numa peça do *Público* e noutra do *Diário de Leiria*. A escolha de outras fontes como especialistas serve os interesses dos jornalistas. A uma primeira afirmação (a do estudo e reflexão por parte do promotor e organizador do evento), o jornalista procura fontes especializadas, que possam dar outras perspetivas. Por promotor entende-se a própria atividade tendo em mente potenciais usos do impacto público de um evento¹².

A procura de novos ângulos de notícia acontece com frequência nas reportagens, destinadas a capturar um mundo mais complexo e variado. Ou-

¹⁰ Pierre BOURDIEU, *Sobre televisão*, Oeiras: Celta, 1997.

¹¹ Rogério SANTOS, *Jornalistas e fontes de informação. A sua relação na perspectiva da sociologia do jornalismo*, Coimbra: MinervaCoimbra, 2003; R. SANTOS, *A fonte não quis revelar. Um estudo sobre a produção das notícias*, 2006.

¹² Harvey MOLOTCH-Marilyn LESTER, "As notícias como procedimento intencional: acerca do uso estratégico de acontecimentos de rotina, acidentais e escândalos". In Nelson TRAQUINA (org.) *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"*, Lisboa: Vega, 1993.

vir especialistas reforça o entendimento desse mundo variado e retira força à mensagem do promotor, no sentido de primeiro definidor. Stuart Hall e colegas¹³ concluíram que, com frequência, os jornalistas, por falta de tempo, conhecimentos e recursos aceitam a informação que lhes é fornecida pelo fornecedor dessa informação. Ao ouvir outras vozes, o campo da notícia apresenta outras perspectivas e a tensão que possa existir entre diferentes agentes sociais¹⁴. Muitas vezes, nos dias seguintes a uma notícia, divulgam-se novas informações corrigindo a estrutura, os motivos e as razões. O jornalista, na sua relação com fontes, desempenha o papel de segundo definidor; mas, ao fazer investigação, torna-se primeiro definidor, marcando o quadro.

Assim, a partir de um posicionamento do promotor da informação e de opiniões ou comentários, pode-se construir uma narrativa¹⁵, com vários enquadramentos, no caso das notícias estudadas, um a favor da Igreja Católica, outro com críticas dos sociólogos da religião e um terceiro de membros de outras religiões. No conjunto das quinze notícias, encontra-se mais uma complementaridade do que uma oposição de perspectivas. Em algumas situações, como as que se verificam em temas partidários ou desportivos, chega-se a quadros de grande violência verbal e forte oposição de ideias e valores.

As declarações de Manuel Morujão, feitas à agência noticiosa Lusa, explicam a circulação da sua posição pelos vários jornais, numa perspectiva de fluxo de dois níveis (da agência noticiosa aos jornais). Manuel Morujão informou o posicionamento dos portugueses perante a religião. Ao considerar que ser católico constitui uma opção e não existe por pressões familiares e sócio-políticas, adotou uma leitura que marca o território do pensamento cultural e religioso da atualidade e que alguns especialistas ouvidos pelos jornais também partilharam.

Para a socióloga Helena Vilaça, existe a passagem de um modelo de religião obrigatória para um modelo mais orientado para o mercado, de mais

¹³ Stuart HALL-Chas CHITCHER-Tony JEFFERSON-John CLARKE-Brian ROBERTS, “A produção social das notícias: o «mugging» nos media”. In Nelson TRAQUINA (org.) *Jornalismo: questões, teorias e «estórias*, Lisboa: Vega, 1993.

¹⁴ P. BOURDIEU, *Sobre televisão*; R. SANTOS, *A fonte não quis revelar. Um estudo sobre a produção das notícias*.

¹⁵ Maurice MOUILLAUD-Sérgio DAYRELL PORTO (org.), *O jornal da forma ao sentido*, Brasília: Paralelo 15, 1997; Teun VAN DIJK, *La noticia como discurso. Comprensión, estructura y producción de la información*, Barcelona, Buenos Aires e México: Paidós, 1990; Teun VAN DIJK, *Discurso, noticia e ideologia. Estudos na análise crítica do discurso*, Porto: Campo das Letras, 2005.

liberdade individual. Ou seja, para ela, os dados do estudo refletem fenômenos de reconfiguração de religião, em que se distinguem católicos identitários e visões do mundo mais seculares, além da eficácia de comunicação das igrejas evangélicas, através de passa a palavra, na televisão e na internet. Por outro lado, ela identifica a concentração dos grupos minoritários religiosos na região de Lisboa e vale do Tejo, logo um maior peso no espaço urbano. Numa perspetiva complementar, o sociólogo das religiões Moisés Espírito Santo conclui que a quebra de praticantes católicos se deve a práticas rotineiras, com uma tradição que não acompanhou a mudança de mentalidade das populações, enquanto algumas igrejas minoritárias souberam adaptar-se aos tempos modernos, no sentido das práticas e da comunicação. Um terceiro estudioso do fenómeno religioso, Ricardo Henriques, prefere indicar a existência de um mundo plural religioso, com níveis diversificados de pertença. Segundo ele, a diminuição de praticantes pode passar por menos idas aos templos e reforço de novas práticas como a das comunidades neocatúmenais. Conclui-se que esta é uma perspetiva pós-modernista, que implica a existência de escolhas e pluralidades pessoais.

Duas outras perspetivas próximas surgem assumidas nas notícias por Teresa Toldy e Steffen Dix. Para a primeira, não se podia reduzir o inquérito a práticas e culto. Conforme as suas palavras ao jornal, faltavam debates sociais e culturais para haver uma melhor representação das atividades religiosas. Ela frisaria ainda a relativa pouca expressividade da quebra do número de católicos. Com isso, concluía que Portugal não é um país secularizado, uma espécie de chamada de atenção e oposição ao que Helena Vilaça dissera aos jornais. Como atrás escrevi, o campo de notícia é o espaço onde os diversos atores sociais expressam a sua opinião, que se reproduz ou altera em notícias de outros media¹⁶. Por seu lado, Steffen Dix reconhecia a necessidade de acompanhar os crentes sem religião e não sabia se a Igreja aproveitaria o estudo, que qualificava como sociologicamente correto. Todos estes especialistas corroboravam os resultados do estudo, apesar das suas interpretações.

Os jornais diários de maior impacto na sociedade, como *Diário de Notícias* e *Público*, deram espaço à manifestação da opinião de responsáveis de

¹⁶ R. SANTOS, *Jornalistas e fontes de informação. A sua relação na perspectiva da sociologia do jornalismo*: R. SANTOS, *A fonte não quis revelar. Um estudo sobre a produção das notícias*.

igrejas minoritárias. Para Fernando Soares Loja, o aumento dos evangélicos resulta da desocultação de pertença religiosa, por perda do medo. Aqui, pode aplicar-se o modelo de Noelle-Neuman¹⁷ da espiral do silêncio. Por esta, pretende-se realçar a posição de um indivíduo que, perante uma posição dominante da qual discorda, silencia a sua opinião. A autora conclui que há, em círculos crescentes, a omissão de opinião pessoal, chegando a atingir o estatuto de maioria silenciosa. No que concerne à religião, os tempos atuais permitem maior liberdade e menor receio de identificação das suas crenças. Ao invés, Pedro Candeias, das Testemunhas de Jeová, não comentou diretamente mas falou do crescimento do número de locais de culto para acolher a afluência na sua igreja. O esforço de ouvir elementos provenientes de outras igrejas resulta no sentido de compreender as vozes normalmente sem acesso regular, por falta de capital simbólico e recursos humanos para produzir subsídios de informação¹⁸, como programação de acontecimentos regulares, comunicados e encontros com a imprensa. No caso do estudo, como este indica um aumento de práticas religiosas em algumas igrejas minoritárias, os jornais quiseram obter reações. As duas fontes contactadas, pertencentes a essas crenças, revelaram prudência. Preferiram evocar observações externas ao estudo, refugiando-se em instrumentos de ordem sociológica ou cultural (o silenciamento dos sem poder) ou observação empírica (mais locais de culto para satisfazer uma maior procura de crentes).

Por outro lado, os jornais de dimensão regional optaram por veicular apenas as opiniões de fontes oficiais da Igreja, com base nos textos da agência noticiosa, não possibilitando o uso do contraditório de fontes especializadas. Com menos recursos humanos e menor periodicidade, é compreensível que os meios regionais optem por géneros jornalísticos mais informativos, como a notícia breve.

Em todos os meios, houve referências centrais ao âmbito do trabalho (número de inquiridos, regiões e datas da realização do estudo), tendo por base o próprio estudo. Este foi a matriz inicial, e os jornais procuraram destacar os seus elementos preponderantes, dentro da perspectiva do jorna-

¹⁷ Elizabeth NOELLE-NEUMANN, *La espiral del silencio: opinión pública*, Barcelona, Buenos Aires e México: Paidós, 1995.

¹⁸ Oscar GANDY, *Beyond agenda setting. Information subsidies and public policy*, Norwood, NJ: Ablex, 1982.

lismo factual e informativo. Assim, os jornais separaram claramente a informação e a opinião, esta deixada para especialistas.

As peças analisadas tratam maioritariamente de um só tema. Contudo, um pequeno número usa a notícia para veicular dois ou mais temas, separados por um subtítulo ou uma caixa como destaque, artifícios de construção das notícias com uma narrativa de tempos ou espaços diferentes capazes de chamar a atenção do leitor. Este pode ser conduzido a ler a notícia desde o começo ou a partir de um subtítulo ou destaque: o seu olhar vagueia à procura de manchas gráficas destacadas. A leitura não é linear mas errática, pelo que os jornais distribuem tais artifícios pelas páginas. Nos seus dois textos, o *Página 1* apresenta dois assuntos relacionados: estudos e programa da reunião dos bispos. *Público*, *Diário de Notícias* e *Diário do Minho* produzem caixas onde alguns dados estatísticos de estudos aparecem salientes, nesse esforço de chamar a atenção. O *Diário de Leiria* publicou também uma caixa, mas a dar conta de outro assunto religioso, o da beatificação da irmã Lúcia. Numa peça cujo assunto principal é a eliminação de feriados religiosos, no *Jornal de Notícias*, há uma peça em subtítulo com dados do estudo, a única peça em que o tema aqui tratado não é o mais relevante. Isto explica-se porque os dados principais já haviam sido apresentados numa edição anterior do mesmo jornal.

Títulos

Os títulos são um elemento fulcral na análise das notícias. Para Mouillaud e Porto¹⁹, o título é uma inscrição, enunciado e marca da articulação do jornal, na inserção com o corte da coluna. O título sintetiza, por um lado, e chama a atenção, por outro. O título é o que prende a atenção ao leitor, que o seduz. Assim, ele é curto, incisivo e apelativo. Numa extensão mínima, ele tem de dar o máximo de informação, pelo que elimina verbos e/ou artigos, possui uma ação direta. No mesmo livro, Mouillaud identifica três tipos de título associados ao tempo: assunto (intemporal), anafórico (temporalidades diferentes, porque não remete para um presente fechado ou um passado pontual) e informacional (ocorrência das três modalidades

¹⁹ M. MOUILLAUD-S. DAYRELL PORTO (org.), *O jornal da forma ao sentido*, 99.

temporais, passado, presente e futuro)²⁰. Uma vez que as notícias da nossa amostra reportam a um acontecimento atual, os títulos ficam debaixo da designação de *assunto*. Ainda para o mesmo autor, a tendência dos títulos é para apagar os atos de discurso, com supressão dos verbos²¹. No nosso estudo, apenas três títulos seguem esta regra: “Menos católicos, mais protestantes e sem religião”, “Portugueses cada vez menos católicos” e “Retrato de um país religioso. Menos católicos e mais evangélicos em Portugal”. Os outros títulos possuem verbo (há títulos com mais de um verbo, porque se lhe juntou os subtítulos): ser (três vezes), perder (2), ter (2), divulgar, analisar, representar, pedir, dizer, ir (um cada).

Os títulos editados têm uma coloração expressiva e descritiva, constituem facticidade e objetividade, e alguns possuem pendor analítico e interpretativo:

“Bispos católicos divulgam estudo sobre retrato religioso dos portugueses” (*Atlântico Expresso*, 16 de abril)

“CEP/Assembleia Plenária. Bispos analisam estudo sobre identidade religiosa dos portugueses” (p. 11), “CEP/Assembleia Plenária. Católicos são menos mas fazem ainda a maioria” (p. 16) (*Página 1*, 16 de abril)

“Menos católicos, mais protestantes e sem religião” (*Diário de Notícias*, 17 de abril)

“Igreja Católica perde para todos” (chamada de capa), “Missas monótonas afastam cada vez mais fiéis da Igreja” (p. 6) (*Jornal de Notícias*, 17 de abril)

“Católicos já representam menos de 80% da população” (chamada de capa), “Quatro em cinco portugueses são católicos e quase metade vai à missa” (p. 8) (*Público*, 17 de abril)

“Portugueses cada vez menos católicos” (chamada de capa), “Estudo revela perda da importância do catolicismo” (p. 7) (*Açoriano Oriental*, 17 de abril)

“Retrato de um país religioso” (chamada de capa), “Menos católicos e mais evangélicos em Portugal” (p. 7) (*Metro Lisboa*, 17 de abril)

“CEP/Assembleia Plenária. Bispos pedem justiça e equidade no combate à crise” (*Página 1*, 17 de abril) [subtítulo: “Quatro católicos em cada cinco portugueses”]

“Porta-voz da Conferência Episcopal diz que perda de católicos «é desafio

²⁰ M. MOUILLAUD-S. DAYRELL PORTO (org.), *O jornal da forma ao sentido*, 109-111.

²¹ M. MOUILLAUD-S. DAYRELL PORTO (org.), *O jornal da forma ao sentido*, 114.

para a igreja»” (*Diário de Leiria*, 19 de abril)

“Norte tem mais católicos e mulheres predominam” (*Diário de Notícias*, 19 de abril)

“Igreja diz que qualidade dos católicos é mais importante do que a quantidade” (*Público*, 19 de abril)

“Eliminação dos feriados religiosos não é urgente” (*Jornal de Notícias*, 19 de abril) [subtítulo: “Norte é mais católico”]

“Católicos perdem fiéis” (*Sol*, 20 de abril)

“55% dos católicos tem mais de 45 anos. Católicos em Portugal na maioria são mulheres residentes no Norte” (*Diário do Minho*, 20 de abril)

“Católicos gostam pouco de ir à missa com regularidade” (*Jornal de Notícias*, 22 de abril)

Pela leitura dos títulos, muito expressivos, destaco nove palavras-chave (Quadro 3). Em quinze notícias, a palavra *católico* aparece em onze, o que releva o tema do estudo e o promotor do evento. Depois, a palavra *portugueses* (ou *Portugal*) é inserida quatro vezes nos títulos, o que indica a importância do valor-notícia geografia. O valor-notícia é o conjunto de fatores que influenciam o fluxo de notícias²², a resposta à questão “como se tornam notícias os acontecimentos”²³. Um assunto tem tanto maior valor-notícia quanto mais próxima é a realidade geográfica apresentada, envolve pessoas conhecidas publicamente, é uma tragédia ou representa um escândalo. Nas notícias em análise, o valor-notícia proeminente é a proximidade geográfica, o nosso país. Com três indicações no título das notícias, aparecem diversas palavras, que identificam o promotor (*bispos*) e a sua estrutura (*Igreja Católica*), o objeto (*identidade religiosa*) e uma prática (*missas*). Com duas referências, aparecem *outras religiões*, *Norte* e *mulheres*, constituintes de sinais de identificação, localização e género, apontadores de tendências. Infere-se que mulheres e norte do país mostram maior religiosidade, ao passo que as religiões minoritárias (consideradas evangélicas) aparecem com grande destaque nos maiores centros urbanos, como pontos de confluência de atitudes e comportamentos religiosos, por oposição a outras possíveis tendências.

²² Johan GALTUNG-Mari HOLMBOE RUGE, “A estrutura do noticiário estrangeiro”. In Nelson TRAQUINA (org.) *Jornalismo: questões, teorias e “estórias*, Lisboa: Vega, 1993.

²³ N. TRAQUINA, *Jornalismo*, 179.

QUADRO 3
Palavras-chave encontradas nos títulos das notícias

Palavras-chave	Número de ocorrências
Bispos	3
Católicos	11
Identidade ou retrato religioso	3
Portugueses (Portugal)	4
Outras religiões	2
Igreja Católica	3
Missas	3
Norte	2
Mulheres	2

Quando, no título, se identifica o Norte do país e as mulheres ma-
peiam-se zonas de culto, o que permite estabelecer conotações a partir das
denotações²⁴. A religiosidade e a sua prática têm dimensões específicas que
o título esclarece, revela ou faz surgir. Um título esclarecedor é dado pelo
exemplo de “Menos católicos, mais protestantes e sem religião”, o que leva
o porta-voz da Conferência Episcopal Portuguesa a identificar uma atenção
nova, caso do título: “Porta-voz da Conferência Episcopal diz que perda de
católicos «é desafio para a igreja»”. Um título revelador é o que precisa da-
dos: “55% dos católicos tem mais de 45 anos. Católicos em Portugal na
maioria são mulheres residentes no Norte”.

Os títulos com percentagens são habituais no jornalismo, pelo rigor de
tendências ou hábitos. No conjunto de títulos aqui presentes, dois deles
empregam esse recurso: “Católicos já representam menos de 80% da po-
pulação” e “55% dos católicos tem mais de 45 anos”. O valor total e a idade
são elementos retirados diretamente do estudo mas produzem impacto,
pelos números percentuais elevados.

A meu ver, considero o título do *Jornal de Notícias* de 17 de abril de
2012, “Missas monótonas afastam cada vez mais fiéis da Igreja”, como o
mais negativo. A peça não começa com os valores revelados pelo estudo
mas com as observações do sociólogo Moisés Espírito Santo, isto é, a jor-
nalista Alexandra Serôdio não usou o modelo tradicional da construção da
notícia: primeiro, os elementos do estudo, depois, as observações de inter-

²⁴ Roland BARTHES, *O grau zero da escrita*, seguido de *Elementos de semiologia*, Lisboa: Edições
70, 1981, 145.

venientes e críticos. Posso referir o desconstrucionismo desta peça, pois o novo ângulo da notícia ultrapassa a ideia dominante ou de primeira definição²⁵. A cartografia definida no estudo (práticas religiosas) vem em segundo lugar e com elementos gráficos elucidativos, após a apreciação do sociólogo. Isto ilustra a tendência do jornalista fugir ao acontecimento, cujos elementos são controlados pelo promotor do evento, mas problematizar a informação, fornecer outros ângulos e provocar a reflexão. Embora o considere o mais negativo, ele mostra-se o mais sincero e objetivo. Os valores do estudo estão presentes mas incluem igualmente a reflexão.

A grande maioria das notícias reside em ocorrências pré-definidas (reuniões, inaugurações, organizações regulares, como se observam nas primeiras páginas dos jornais e nas notícias da televisão). Isso é o fenómeno do agendamento. Outras notícias decorrem de factos imprevistos, como acidentes e catástrofes. Mas, na luta contra o tempo no trabalho quotidiano do jornalista, raramente a notícia tem contextualização. Neste caso, a jornalista ensaiou uma tese: porque é que a Igreja Católica está a perder fiéis?

Géneros jornalísticos e assinatura das peças

Da leitura dos géneros jornalísticos, observo a existência de sete reportagens, quatro notícias e três breves (Quadro 4). Por notícia breve indico as peças com até quatro parágrafos, notícia as até dez parágrafos e as maiores chamei reportagens. Estas últimas, com frequência, têm duas fontes no mínimo. No estudo presente, diversas reportagens contêm apenas uma fonte colocada por oposição aos valores estatísticos do estudo. Esta minha definição foge, assim, ao cânone, mas, por outro lado, o número de peças é reduzido, pelo que não existe uma variável regular tão coerente como nos estudos clássicos sobre o jornalismo. Apenas quatro peças (*Diário de Leiria*, *Diário de Notícias*, *Público* e *Sol*) possuem duas ou mais fontes de informação. Em algumas não coloquei identificação de fontes, pois as peças resumem apenas elementos estatísticos do estudo, no sentido do primeiro definidor. Manuel Morujão apareceu em seis notícias, seguindo-se Alfredo

²⁵ S. HALL-C. CHITCHER-T. JEFFERSON-J. CLARKE-B. ROBERTS, “A produção social das notícias: o «mugging» nos media”.

Teixeira e Moisés Espírito Santo (duas vezes cada), e os restantes apenas uma vez (Fernando Soares Loja, Ricardo Henriques, Helena Vilaça, Steffen Dix, Teresa Toldy e José Policarpo).

Conforme o Quadro 4, as reportagens dividem-se pelos seguintes jornais: *Diário de Notícias* e *Público* (duas cada), enquanto os restantes a empregam apenas uma vez (*Jornal de Notícias*, *Açoriano Oriental*, *Diário de Leiria*). Quanto às notícias, o *Página 1* produziu duas, e *Atlântico Expresso* e *Sol* uma só. No tocante às notícias breves, *Metro Lisboa*, *Diário do Minho* e *Jornal de Notícias* publicaram uma só. O pequeno número de peças em análise não permite inferir nenhuma grande regra de regularidade que estabeleça uma lei. Aqui, o método da análise de conteúdo revelou-se de menor impacto do que se existisse um *corpus* significativo, como o aproveitado pelo autor noutra investigação²⁶. Há uma outra explicação para a falta de uma regra de distribuição dos géneros. Um estudo científico é objetivo, o que leva o jornalista a procurar os números mais representativos de acordo com os seus interesses jornalísticos (valores-notícia) e a não interpretar, pelo que recorre a especialistas.

QUADRO 4
Géneros jornalísticos

Jornal	Breve	Notícia	Reportagem	Fontes
Atlântico Expresso		1		Manuel Morujão
Página 1		1		Manuel Morujão
Diário de Notícias			1	Fernando Soares Loja
Jornal de Notícias			1	Moisés Espírito Santo
Público			1	Alfredo Teixeira
Açoriano Oriental			1	Ricardo Henriques
Metro Lisboa	1			
Página 1		1		
Diário de Leiria			1	Manuel Morujão, Alfredo Teixeira
Diário de Notícias			1	Moisés Espírito Santo, Manuel Morujão
Público			1	Manuel Morujão, Helena Vilaça, Steffen Dix, Teresa Toldy
Sol		1		Manuel Morujão, José Policarpo
Diário do Minho	1			
Jornal de Notícias	1			

²⁶ R. SANTOS, *A fonte não quis revelar. Um estudo sobre a produção das notícias*.

Observando melhor, extrai-se uma conclusão interessante. A regra, nos estudos clássicos, é haver um número mais elevado de notícias e notícias breves do que reportagens. Aqui, o número de reportagens é igual à soma das notícias e breves. A importância do estudo, a sua representatividade (quatro mil inquéritos válidos), levou a que os jornalistas, perante um grande caudal de informação apresentado pelo promotor e na conferência de imprensa no final dos trabalhos da Conferência Episcopal Portuguesa, tivessem tempo para, além do acontecimento, juntar um tema mais vasto e contextualizado. Aí, a reportagem surge como género noticioso mais eficaz para apresentar tópicos e perspectivas. As reuniões plenárias dos bispos atraem sempre muita atenção dos media, pelos assuntos de relevo nacional ali discutidos.

Na altura, dois temas estavam em discussão na opinião pública: a crise financeira nacional e a redução de feriados, incluindo alguns religiosos, permitiram aos jornalistas procurarem mais informações sobre tais tópicos. Na própria reunião dos bispos estavam em aprovação pastorais sobre a Europa e sobre o concílio Vaticano II, assuntos que mereceram destaque no começo do curto período de notícias aqui trabalhado (*Atlântico Expresso e Página 1*, 16 de abril de 2012; *Página 1*, 17 de abril de 2012) mas desapareceram logo, ficando apenas o estudo representado nas notícias.

Aqui, identificam-se três elementos específicos do jornalismo. Um é o do rápido esquecimento: o aparecimento de um tema novo faz desaparecer o anterior, associado ao ciclo produtivo diário das notícias. Em cada dia produzem-se noticiários novos que precisam de assuntos novos. Se um assunto está na agenda mediática durante algum tempo, torna-se cansativo para os leitores ou espectadores. A não ser que surjam novos detalhes, o assunto desaparece. Com frequência reaparece mais tarde, com estrutura aproximada. Por exemplo, a notícia de um crime tem ingredientes semelhantes à notícia de um crime reportado há meses ou anos: o móbil do crime, a sucessão de passos na sua ação, as vítimas, o que a polícia ou os vizinhos disseram. Ao esquecimento e à repetição de estrutura das notícias, junta-se outro fator, o do gancho ou âncora. Por isto, quer-se dizer a hipótese de um tema de impacto nacional poder conduzir a um outro tópico. A agenda mediática vive destas conexões chamadas ganchos, elementos de ligação que tornam as notícias nos jornais e na televisão como possuindo uma narrativa compreensível e com enredo, mesmo que entre as notícias não haja comparabilidade. Os jornalistas distinguem tipos de notícias,

como as duras (*hard*), de informação factual, e as moles (*soft*), em que se incluem as histórias de interesse humano, que prendem os leitores como se fosse uma novela. Ponte²⁷ enuncia, entre outras, as histórias eternas e a sua dimensão de tragédia nas peças de interesse humano, caso dos eventos não controlados como acidentes e catástrofes. O género reportagem é o que se aproxima mais da definição de notícia mole, pois tem contexto, múltiplas vozes, assuntos e perspectivas.

Em suma, os jornalistas são contadores de histórias, cuja estrutura se repete, como se fossem os contos populares analisados por Propp²⁸. Para este autor, os contos populares, mesmo que oriundos de locais muito distantes, estão construídos em torno de uma estrutura simples. Se o herói é ferido ou sofre uma traição, a narrativa estabelece o esquema da recuperação ou da redenção ou sublimação. Além do herói, cada conto tem uma princesa (ou pai), um falso herói e o rival ou inimigo. O jornalismo é uma adaptação moderna do conto popular, pois todos os dias se produzem novas histórias para os leitores e os espectadores. Aliás, Gaye Tuchman²⁹ não tem dúvida que os relatos dos acontecimentos noticiosos são histórias, com os jornalistas a usarem estas como mecanismos aplicados a transformar os acontecimentos em produtos jornalísticos, as notícias. Tuchman³⁰ define outro conceito, o da objetividade, que ela deteta na apresentação de possibilidades conflituais (os Estados Unidos contra a China, o partido de oposição contra o governo, isto é, a apresentação de pontos de vista divergentes), o uso judicioso das aspas (a atribuição de um discurso liberta o jornalista de pugnar ou não por uma posição) e a estrutura da informação numa sequência apropriada (a informação mais importante vem em primeiro lugar). Pela objetividade, uma construção noticiosa assente nessas perspectivas, o jornalista sente-se protegido. De novo, a reportagem é o melhor género noticioso para dar conta da complexidade de um tema.

Muitas das notícias analisadas levam o nome do jornalista. A assinatura das peças é um sinal de maturidade nos media de hoje. Por um lado,

²⁷ Cristina PONTE, *Leituras das notícias. Contributos para uma análise do discurso jornalístico*, Lisboa: Livros Horizonte, 2004, 39.

²⁸ Vladimir PROPP, *Morfologia do conto*, Lisboa: Vega, 1992.

²⁹ Gaye TUCHMAN, “Contando «estórias»”, in Nelson TRAQUINA (org.), *Jornalismo: questões, teorias e «estórias»*, Lisboa: Vega, 1993a, 258.

³⁰ Gaye TUCHMAN, “A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas”. in Nelson TRAQUINA (org.), *Jornalismo: questões, teorias e «estórias»*, Lisboa: Vega, 1993b, 79-83.

há responsabilidade do jornalista que coloca o seu nome na peça, por outro lado isso significa uma maior proximidade com o leitor, que passa a conhecer o autor dos textos que lê. Apesar de haver peças assinadas há décadas, nomeadamente as colunas de opinião, o movimento para uma maior transparência jornalística, que inclui a assinatura de peças, tem cerca de duas dezenas e meia de anos no nosso país. O *Público*, nascido em 1990, foi um jornal que trouxe essa novidade para todas as páginas, a que se adaptaram o *Diário de Notícias* e o semanário *Expresso*, entre outros. Nos jornais regionais e locais, a assinatura das peças continua a ter uma expressão mais reduzida, até porque muitas das peças resultam de trabalho de agência noticiosa. Isso verifica-se na amostra em análise, com a existência de seis notícias não assinadas, uma com a indicação de Lusa, ao passo que as outras são assinadas por António Marujo (*Público*, duas notícias), Rita Carvalho e Hélder Robalo (*Diário de Notícias*), Alexandra Serôdio (*Jornal de Notícias*), Rui José Cabral (*Açoriano Ocidental*) e Sónia Balasteiro (*Sol*), cada jornalista com uma peça assinada. Deste grupo de jornalistas identificados, o único com uma especialização (*beat*) era António Marujo, com uma grande regularidade na escrita de peças sobre temas e histórias da religião, infelizmente já fora da redação devido a uma onda de despedimentos que assolou aquele jornal no final de 2012. A assinatura e a especialização são um elemento constituinte de qualidade das peças, pela responsabilidade, como escrevi acima.

Associado à assinatura das peças, destaca-se o estilo das mesmas. Nas quinze peças analisadas, o estilo é sóbrio e rigoroso, pois apoia-se num estudo científico, com explicações e interpretações. Aqui, como em situações inventariadas mais atrás, não se estabeleceu uma regra definitiva.

Imagem

Muitas das notícias dos jornais de hoje têm uma estrutura leve (*light*), que as aproximam do entretenimento e do *infotainment* (neste caso, na televisão). As páginas de celebridades, que se encontram nos jornais mesmo nos de qualidade (*Público*, *Diário de Notícias*), são reflexo de uma maior leveza da informação, com recurso frequente a imagens (fotografias e outros). A imagem tem-se tornado um elemento preponderante no jornalismo, for-

mando aquilo que se chama jornalismo visual³¹, que se decompõe em formatos gráficos e formatos de informação gráfica: fotografias, desenhos, caricaturas, *comics* e infografias. Uma das explicações para o seu uso crescente é permitir uma leitura mais rápida, obter uma interpretação mais fácil. Os jornais têm recorrido, por exemplo, a ilustrações como a infografia, que explica graficamente fenómenos naturais e sociais complexos. Ribeiro³², cujo texto aborda especificamente a infografia, identifica vários elementos na imagem usada nos jornais: texto, números, ícones, gráficos e mapas.

Nas quinze notícias, há 13 fotografias e duas infografias. Todos os jornais exceto o *Atlântico Expresso* imprimiram fotografias, mas o *Diário de Notícias* e o *Jornal de Notícias* publicaram duas e o *Público* três. Em termos de infografias, *Jornal de Notícias* e *Público* editaram uma infografia cada. As fotografias são todas de arquivo e remetem para ícones e símbolos religiosos (procissão, entrada de igreja, comunhão, missa, santuário de Fátima, imagem de Cristo, cruz, postura de mãos a rezar, rosário). Estas imagens, de fácil identificação, são meros apoios ao texto mas sem um significado direto com a informação da peça. As fotografias possuem quase sempre legendas, com um papel próximo do título, como que o reforçando, mas algumas funcionam como meras molduras ao texto. Já as duas infografias servem o texto ou ajudam a clarificá-lo: percentagem de crentes e crenças, práticas e número de praticantes, perspetivas sociais de futuro do país, como esperança, a partir das respostas dos crentes em diversas religiões.

Muitas das legendas são assertivas, embora se encontrem também legendas ambíguas. Da amostra, há nove legendas assertivas, com informação pertinente (novas religiões adaptam-se melhor à realidade atual, baixa de católicos na última década, diminuição de crentes não é expressiva, população feminina constitui 56,4% do total dos crentes), e uma ambígua (Igreja perde fiéis mas ganha em qualidade). No último caso, não se entende bem a conclusão, pela dificuldade de comparabilidade. Contudo, lendo os textos das notícias, compreende-se que a legenda seguiu o comentário do porta-voz da Conferência Episcopal Portuguesa produzido em conferência de imprensa.

A divisão entre texto e imagens tem por detrás de si a partilha de funções. O jornalista que assina a peça não é o responsável pelas imagens e le-

³¹ Susana ALMEIDA RIBEIRO, *Infografia de imprensa. História e análise ibérica comparada*, Coimbra: MinervaCoimbra, 2008, 25.

³² S. ALMEIDA RIBEIRO, *Infografia de imprensa. História e análise ibérica comparada*.

gendas, ficando estas a cargo do editor da secção a que o jornalista pertence. Daí nem sempre haver correspondência de conteúdo e linha estilística do texto face à imagem e legenda. O presente trabalho não consegue ir além desta curta explicação – separação de tarefas entre jornalista e editor – porque não se estudou a criação da notícia em ambiente de redação, mas os textos clássicos do jornalismo explicam bem a rotinização de tarefas e a atribuição de competências³³.

Outras notícias

No curto período analisado de notícias sobre a divulgação e comentários do estudo acerca de identidades e representações religiosas, outras notícias foram publicadas sobre a Igreja Católica. Aqui podemos empregar as metáforas da “bolha noticiosa” ou da “mancha de óleo”, em que um tema sobre uma instituição pode englobar diversos tópicos correndo ao mesmo tempo ou em tempos levemente diferenciados, com nascimento e queda de um desses tópicos a coincidir com o pico (muitas notícias sobre) de um outro tópico. Quem lê um jornal ou vê um noticiário de televisão não tem esta noção de prazo (médio ou longo curso), como estudam os historiadores estruturalistas (que dividem o tempo em acontecimento, curto prazo e longa duração), caso de Braudel³⁴. Mas, ao ler um período de notícias publicadas no tempo, o investigador separa o aspeto sincrónico (mesmo tempo, caso das peças observadas no artigo presente) do diacrónico (ao longo do tempo). Na análise diacrónica, salienta-se o conjunto de tópicos e a sua vida, com posições próprias a cada agente social ou grupo constituído e interpretações diferentes. Ela é menos evidente numa análise de curtíssima duração, como se mostra neste estudo, mas não deixa de impressionar a quantidade e a riqueza de tópicos.

A metáfora da “bolha noticiosa” aplica-se aqui, pois ela corresponde a essa riqueza de tópicos e pormenores, embora a maior parte tenha origem em acontecimentos organizados ou previstos (aniversários, visitas, reuniões) por uma grande quantidade de agentes sociais em diversos locais (nacionais e internacionais). A “bolha noticiosa” possui ainda maior desta-

³³ Nelson TRAQUINA (org.), *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*, Lisboa: Vega, 1993.

³⁴ Fernand BRAUDEL, *História e ciências sociais*, Lisboa: Presença, 1982.

que quando se comparam os produtores de informação: os jornais nacionais destacam alguns tópicos, seguindo um agendamento de eventos de impacto nacional ou internacional, ao passo que os semanários e meios de comunicação locais enfatizam as ocorrências locais ou regionais, numa espécie de divisão de tarefas. Aqui, tem-se em conta os públicos-alvo, caso de visitas locais ou festas e comemorações religiosas locais ou regionais, e o número de peças jornalísticas é mais vasto nos media regionais e locais que nos de âmbito nacional. Razão para isto: uma rede capilar de media locais e regionais ligados ou com forte identificação à Igreja Católica.

Assim, outras notícias sobre a Igreja Católica no período em análise incluem: participação do cardeal na sessão solene dos 75 anos da Rádio Renascença, turismo religioso, cerimónias da Páscoa, aniversário do Papa Bento XVI (85 anos), peregrinações (vicentinos), morte de prelado de renome nacional, bispos contra a violência (Guiné-Bissau) e contra a droga (Colômbia), recolha de alimentos, discussão em torno da extinção de feriados religiosos (elevado número de peças jornalísticas, apesar de já estar no fim do ciclo de notícias sobre o tema) e visita a paróquias. Os temas variados ilustram, assim, a multiplicidade de atividades e realizações. A sua leitura revela uma narrativa construída variada de fios e atores sociais, aparentemente desligados uns dos outros mas que mostram a vida e o pulsar de uma instituição respeitada e de grande importância social que é a Igreja Católica.

Um último aspeto – nos media regionais ou locais existe uma forte personalização. As notícias são sobre acontecimentos que envolvem pessoas do mesmo meio geográfico, a justificar o jornalismo de proximidade desses media.

Conclusões

No texto, foram inventariadas quinze notícias sobre a apresentação do estudo “Identidades religiosas em Portugal”, produzidas entre os dias 16 e 20 de abril de 2012. A análise dessas notícias incluiu variáveis como fontes de informação, interpretação, títulos, temas e subtemas, assinatura das peças e imagens.

Como primeira conclusão, indico a tendência do jornalismo para seguir a agenda pública. A apresentação do estudo em Fátima na assembleia da Conferência Episcopal Portuguesa levou os jornalistas a estarem presen-

tes na conferência de imprensa em que o porta-voz daquela entidade religiosa respondeu às questões colocadas. Tal fê-lo ser a voz mais citada nas notícias. Juntaram-se, aqui, dois conceitos do jornalismo: agendamento e primeiro definidor. A reunião de bispos foi um acontecimento que marcou a agenda dos jornais; o porta-voz religioso determinou os principais pontos da informação, pelo seu prestígio e capital cultural junto dos jornalistas.

Uma segunda conclusão é a de que as peças jornalísticas contam histórias de interesse humano. O convite para especialistas da religião darem a sua perspetiva sobre o estudo permitiu aos jornalistas construir uma narrativa de múltiplas vozes, nem todas elas concordantes mas apontando uma direção, a da representação religiosa, como se fosse um jogo ou dança. Os jornais de nível nacional, porque possuem mais recursos jornalísticos, possibilitaram essas vozes diferentes. Os outros jornais seguiram o que a *Lusa* produziu, pelo que Manuel Morujão apareceu mais vezes nas notícias.

Uma terceira conclusão é a dos títulos serem sintéticos, de resolução performativa. O título dá informação e procura seduzir o próprio leitor. O título não é habitualmente feito pelo jornalista, que escreve a peça, mas pelo editor, pelo que, por vezes, existe discordância entre o título e a linha orientadora do texto. Na amostra considerada, os títulos têm um conjunto pequeno de palavras-chave que indiciam o tema.

A análise das peças permitiu saber que géneros jornalísticos os profissionais escrevem. Aqui, houve uma forte representação das reportagens, género que promove a história de interesse humano (múltiplas perspetivas de vários agentes sociais).

Muitas das notícias incluem fotografias e, mais recentemente, infografias. Os objetos icónicos facilitam a leitura. Por exemplo, as legendas podem ajudar a compreender melhor o texto. As notícias analisadas têm uma quantidade de imagens muito próximo do número daquelas, o que leva a concluir pela grande iconicidade dos media atuais.

A sexta e última conclusão foi obtida a partir da análise de outras notícias publicadas no mesmo período (16 a 20 de abril) e que forneceram a ideia de “bolha noticiosa”, de tópicos distintos sobre uma instituição. Além do estudo apresentado, há muitas outras notícias sobre a Igreja Católica, e que refletem o pulsar da instituição na sua relação íntima e solidária com o país e as localidades.